

Silêncios em meio à natureza urbana

Francisco Queiroz

Apresentado por

Meu Lado Poético 

resumo

Linha Urbana

O culto oculto

Árvore: luz e sombra

O Poeta e a Poesia

Pedacinho de Terra

Orvalho

Panos e Danos

Potinho

Consegue se segurar?

Pupilas Dilatadas no Espelho

Tato.

o mármore

Sem juízo

Esperando a chuva passar

Balanço

Varridos ladeira abaixo

SEMENTE DE IPÊ

Frescor...

Refeitório

O fluir de um sussurro

Entre frestas

Casa preenchida

MISSÃO BALÃO

Nato

Em vias de braseiro

FORTALEZA DA SAUDADE

CA-RA-MI-NHO-LA

O LEÃO e o cardápio

SETH e o Fogo da Calcinação

Os passantes e o vagante

Pés encardidos

Selene

Quem você pensa que é?

Amor silencioso

Se faça eterno

ENTOA

Em transe

Identidade sem nome

Tracejar

Doce Domingo

Linha Urbana

Ponto lotado:

Embarque

Na correria

Parece um parto

No ônibus

Próxima parada: Em pé

Aborrecida

Constrangida

Esmorecida

Malabarista contorcionista

Longe...

Próxima parada: Em pé de guerra

Na mente batalha

Bate cotovelos

Tropeça na fala

Cara fechada

Próxima parada: Sentada

Cansada

Empoleirada

Adormecida

Abraça mochila

Longe...

Todas em rota

Algumas perdidas

Todas ponteiros

Algumas sem pilha

Próxima parada: Seguem

A fofoca interrompida
A parada perdida
O sono fingido
A sacola pesada
Os cabelos grisalhos

Próxima parada: No horizonte
Chuva à espreita
O sol no braço
A cabeça no vidro
Janela aberta
O vento sopra o mormaço

Próxima parada: Na via
Engarrafada
Buzina apressada
O vermelho demora
O verde alivia
A travessia

Próxima parada: No volante
O valente
E não tão
sorridente
Sempre
em frente

Enfrenta buraco
Pisada no freio
Depois acelera
Todos sacudidos

Próxima parada: Após o sufoco
Há muitos suspiros
Também desabafos
De quem está

Esgotado

Próxima parada: Parte da vida

De quem se angustia

Sempre tardia

Uma fantasia

Próxima parada: Desembarque

A Vida é partida

Nunca chegada

E quando se acha

É uma nova partida

Ponto final: Ei, MOTORISTA!

A porta

não ABRIU!

O culto oculto

*Sagrado é o culto
do Sujeito oculto...
Eis o caminho!
Tu nele és astuto?*

*São os Seus lemas
e meus os dilemas,
da vida à lama,
a morte que chama.*

*Choro com ira, discuto,
não Te vejo, és oculto!
Tu me ouves?*

*Nós passamos e Tu és eterno,
és o velho, também o moderno.
Somos rascunho do Teu caderno.
Tenho direitos? Somos o término?*

*Escritor, não Te insulto,
tenho medo do escuro...
Sopra, que eu Te escuto.*

*Dizem que Tu não existes,
mas por que minh'alma persiste?
Em que o segredo consiste?*

*De Ti só Pó e Migalhas,
talvez não por Ti,
mas por minhas falhas.
De certo, só as batalhas...*

Sagrado é o culto

do Sujeito oculto...

Eis o caminho,

duro, curto...

Árvore: luz e sombra

*O verde preenche o castanho dos meus olhos,
O cheiro vem como um sussurro suave, floral,
O vento conduz galhos, ramos e folhas,
Coreografia em ritmo de luz e sombra.*

*Vejo que lanças as tuas sementes à sorte,
A terra fecunda as acolhe sem promessas,
A fortuna é de bom agouro para poucas,
Para as que sabem lidar com as durezas.*

*Ao passo que se afunda vai buscar a altura,
Lida com a escuridão e com a luz, assoma-se...
E assim se expande: única, desmedida, destemida.*

*Carrega consigo o compromisso de apenas ser:
Seja sombra, fruto, abrigo, cura, fogo.
Fiel à sua essência, do seu apogeu ao seu fim,
Semente, broto, árvore, tábua...*

*Árvores, vão além dos confins...
Para muitos, uma utilidade crua.
Para poucos, uma paisagem, um jardim...*

O Poeta e a Poesia

*Posso eu? Até poderia, mas,
Penso que em muito já fui escrito.
Poema, pranto, cantoria...
Assim sou eu, cativo.*

Porém, a vida é poesia...

*Escrita entrelinhas,
Com infinitos sentidos
Do amanhecer de ser,
Ao seu anoitecer.*

*Da minha janela entreaberta,
Vejo na poesia várias vidas...
Me alegre, me entristeço,
Me aborreço, me compadeço.*

*Solto no papel,
Arranjado em letras:
Palavras, frases, estrofes*

*Flor, amor, paladar
Vinho, carinho, mar
Passarinho, medo, voar
Caminho, dor, superar*

*Tal como é a Poesia,
Liberta quem a cria...
Alimenta quem a aprecia...*

*E a cada olhar muda, se desnuda.
A flor e sua beleza irrestrita,
Incutida tanto na flor quanto no olhar.*

Tal como é a Poesia...

De repente não sou mais cativo,

Outrora restrito, agora vivo.

Ativo, sou o poeta e a poesia.

Sou poema, risos, cantoria...

Pedacinho de Terra

*Ter nas mãos a terra, na testa o suor.
Sonhamos todos juntos,
ter oportunidade de trabalhar,
realizar o sonho de plantar e de plantar-se*

*O chão semeado,
com carinho regado,
e o Sol arregalado!*

*O que nasce da Terra já conhecemos,
mas o que nasce na Alma?
O que nasce na Alma é o Sagrado,
é o Divino e o Amor, seja lá como for chamado...*

*Contudo, como a terra,
a Alma tem que ser preparada,
tem que se semear com Virtudes,
regar-se com bons Sentimentos...*

*E se sempre bem iluminada,
pelo Sol, que anima tudo o que foi criado...
não tem jeito de dar errado,
pois o erro é o adubo,
nos faz crescer se bem observado.*

*Com paciência, simplicidade e cuidado,
logo tudo que foi depositado no chão ou na Alma
estará lá, belo e frutificado...*

*A obediência às leis da natureza é a prece ao Divino,
então preste a devida atenção!
Ao trabalhar a terra e a Alma lembre-se,
o impulso deve vir do Alto ao Coração.*

*É tempo de fortalecer os laços,
de começar e terminar os dias sendo gratos
E sempre celebrar a Vida com sorrisos e abraços!*

Orvalho

*Na folha do capim,
crescida em meio à grama,
há algumas gotas de orvalho.*

*Sentado na grama,
recebendo a luz do Sol,
vejo-me refletido
em cada gota de orvalho.*

*Percebo que nas gotas
há um arco-íris e vislumbro,
por um instante,
um mundo inteiro...*

Panos e Danos

*É preciso, tenho que habitar o mundo.
Me trancaram no quarto aos fundos.
De lá vejo a luz de um sol multicolorido,
e todos os dias são esticados, doloridos...*

*Do vitral o mundo é disforme:
há corvos, carros, nada é uniforme.
Sair? Difícil! Paredes me mantêm.
A liberdade vem sempre com um porém...*

*É preciso, tenho que habitar o mundo.
Mas, pensando bem:*

*Estou nu! Todos estão.
A fantasia são os panos!
Deuses! Quantos danos...*

*O mundo quer os fantasiados.
Então, nu, jamais poderei habitá-lo...
Devo me vestir, onde estão os trapos?*

*A realidade é buraco profundo,
e eu, e eu, e eu, sou o eco aos fundos...
Espreitando a luz pelas frestas do mundo.*

Potinho

*Há um tempo para permanecer
e para ir embora mesmo permanecendo;
para ajudar, para ser ajudado;
para ser começo e para ter um recomeço;
para ser fim, sem perder a finalidade.*

Há um tempo para cada coisa...

*Sempre, desde sempre,
o tempo é o grande rio
que segue para o mar do infinito.
Não há volta: só há o presente e seu progresso.
O presente sempre é progresso;
o que vem adiante é mistério.
Nunca saberemos quando e como será,
o instante em que o rio nos entregará ao mar.*

*Lá, intuo, não haver a regra do sentido único:
passado, presente e futuro serão um,
e estarão em paz.*

*Lá só seremos, e lá cada coisa,
cada potinho, vai se dissolver.*

*De nós, aos poucos,
só restará o ressoar do perfume,
e quem sabe, enfim, despertaremos
para o grande Sonho que nos sonhou...*

Consegue se segurar?

*Quando começou a dança?
Será que ainda dormíamos em árvores?
Tinha batida ou só movimento?*

*Desde que começamos a desenhar,
o balanço já era rabiscado.
Era, e é, uma forma de se expressar.*

*Dizem, os românticos:
lua e terra fazem par,
pássaros a encantar,
Dança sol e dançam folhas...*

*Enfim, cada ciclo um passo.
Tudo dança, já que tudo vibra...
E nessa vida para fugir do ritmo,
Há de fazer força para não acompanhar.*

*E me diz, junto ou sozinho?
Com som nas alturas?
Ou de rosto coladinho?
Para flertar ou se soltar?*

*Rápido, desengonçado;
Calmo, ritmado.
Isso importa?*

*Pobre vida que não dança,
seja porque desaprendeu
ou mesmo por vergonha.*

*Todos têm direito!
Pelo menos uma, memorável.*

*Como no começo:
se ainda tiver vida, dance!*

Pupilas Dilatadas no Espelho

De costas, pai e filho,
idênticos na silhueta,
eu, com as pupilas dilatadas,
só percebi serem pai e filho
por ouvir
parte da conversa de beirada.

E ali se distinguiam,
o tom de voz mais rouco do pai,
firme, progressista,
o filho, um rapagote
entrando na fase adulta,
sem nenhuma certeza,
o pai dava o rumo
e ele hesitava.

Engraçado, pensei,
o pai queria a continuidade
de si mesmo no filho,
um pupilo no espelho,
mas o rapaz era outra coisa
e queria ser outro alguém.

O resultado eu não vou saber,
a médica os chamou,
eu era o próximo,
mas rezo para que não
se machuquem muito.

Tato.

**Cada ser tateia
a vida de uma forma.**

**Cães e gatos, por exemplo,
têm a ponta dos dedos
nos focinhos molhadinhos.**

**Há pessoas que tocam outras
sem sequer conhecê-las,
sem terem vivido na mesma era
ou no mesmo continente.**

**Há pessoas que,
da abertura de seus olhos,
acolhem o sentido
do mundo em uma flor.**

**E assim se estendem,
tocam a vida
como um beija-flor
em um grande canteiro.**

**Há quem não goste de árvores
e as corte,
por não suportar mais as folhas
e depois
reclama do calor.**

**Enquanto outros
varrem as folhas das calçadas,
gratos pelos dias em que foram sombra,
felizes agora por suas
flores.**

Tato.

o mármore

**toquei o mármore duro e frio
de outra existência**

**não aparentava estar vivo
não havia vibração ali**

indiferente

**ainda assim
continuei
a tocá-lo**

**atrevi-me
a falar-lhe do amor**

**amor incondicional
contido
em sua rigidez**

**nos amávamos
sem saber**

do amor

do outro

nem de nós

**o amor
apenas
habita**

é

impulso

calor

e a pedra

em teu peito

pulsará

Sem juízo

*Sinto, por que sinto?
Se feliz, se triste
se sereno, se ansioso,
se menino, adulto.
Sinto -- sem explicação.*

*Sinto-me como
as estações do ano;
repetidas/desiguais
às vezes vivo todas
em um dia, uma hora...*

*Vou do buquê
à última lágrima,
da praia solar
aos cobertores
em dias sombrios.*

*Pele,
sentidos e
necessidades*

Sem juízo

Esperando a chuva passar

O céu bramiu
Assustada a chuva caiu
O sol sorriu
E o arco-íris se abriu
A terra sedenta a engoliu

Sacola na cabeça
Salto na mão
Apressada
Um escorregão

O cãozim
Que em anel
Dormia
Se assustou

Transeunte
Clichê
Tem o que
Agradece
e o outro

Do alto do fio de aço
Os pássaros atrevidos
Desafiam
Em sonoro tom
O estardalhaço
Provocados
Pelos bichos de aço

O ar úmido
E cheiro
De restaurante

Uma pena

Chegou

O fumante

Bicicleta

E criança

Nenhuma

Com freio

Capa amarela

Calça no joelho

Já se foi

Goteira

Somos bolhas

Filhas do pingo

Na enxurrada

Já dá quase pra ir

Balanço

*Deitado na rede a balançar,
olho as estrelas,
tentando-as alcançar.*

*O ranger da corda,
em noite fria,
a coruja no muro
a chirriar.*

*O meu gato
nos vigia e
sacode o rabo
de forma pendular...*

Hipnótico.

*De lá para cá,
há algo também
a nos observar?*

*De lá para cá,
aponto meu dedo,
sonho estar lá.*

*Adormecido,
subo no balanço,
além da nossa esfera.*

*Tudo tão cheio
como minha rede,
tudo tão vazio
como minha cama.*

*Desço no solavanco
do gato manhoso,
pulando na rede,
me arranhando.*

Hora de me levantar.

Varridos ladeira abaixo

Pela ladeira Limeira,
descíamos cantando
como um bando de doidos varridos.

(Literalmente, ganhamos algumas vassouradas)

Entre caretas e gritinhos agudos,
pulos e rebolados que fariam inveja
a qualquer pássaro em época de acasalamento.

Marchávamos em duplo sentido,
um furdunço só,
em plena luz do dia.

Tia Lurdinha, lavando a calçada,
jogou água na gente.
Um arco-íris se formou!

Todo mundo adorou,
num dia muito quente.
Teve gente que ficou
e se molhou mais um pouquinho.

Os vizinhos saíam às portas
e algumas caras de censura surgiam,
reprendiam com sinal de cruz.

Mas a maioria,
quando não se unia ao coro,
aplaudia a rebeldia.

E por que fizemos isso?
Não me lembro.

**Mas só de lembrar,
lateja a alegria em minhas veias.**

**Espera aí, lembrei:
a turma da Limeira ganhou
da turma da Belo Horizonte
o campeonato de golzinho.**

Assunto para uma outra prosa...

SEMENTE DE IPÊ

*Ora, grande Ipê,
quem te olha
às vezes não vê
que em tua copa*

*ora verde,
ora branca,
ora galhos,*

*há uma magia
que, quando são
só galhos,
também são
ora plumas
coloridas
em sinfonia.*

*Quem te elogia
pela parte,
pelo tempo,
tem olhos
de preferência,
se limita,
mesmo assim,
vê tua arte.*

*Quem te elogia
pelo todo
já te via,
imponente,
na semente
que guiaria
todo o teu*

esplendor

...

Frescor...

*Acordar e sentir o frescor da manhã,
Puxar o ar e respirar Deus.
Olhar o horizonte verde, irradiado de laranja,
Contemplar com a Alma e ver Deus.*

*Tomar água límpida da fonte,
E irrigar-se de Deus.
Alimentar-se da terra, do fruto doce ou amargo,
E nutrir-se de Deus.*

*Procurar com olhos de bondade as essências,
Achar Deus em Todos e em Tudo.
Sintetizar que somos diferentes, mas representantes,
Das infinitas formas de Ser Deus.*

Refeitório

A sineta me diz a hora de me levantar para o almoço.
Por infortúnio, ela alerta para que todos se levantem.

Sorte é ter um restaurante honesto por perto.
O revés é que sempre está cheio.

Sem me incomodar, pego a fila, não tem para onde fugir.
Há uma certa demora, justificada por outras duas filas até a saída.
Tem prato feito, executivo, e a marmita para levar, só muda o jeito de embalar.

Conto sempre com a gentileza dos motoristas que param na faixa de pedestre.
O sol ardido no rosto, agradeço mesmo sem ver o benfeitor.

Pronto, sento no refeitório do trabalho.

Começo a comer sentindo a colher raspar nos dentes.
Aprecio o que tenho na boca, tateando com a língua.
O sabor faz com que eu engula de forma cerimonial.
O feijão é uma bênção proferida por quem plantou, transportou e preparou.

Falou comigo um colega sobre qualquer coisa do cotidiano,
e quebrou assim a cerimônia.

O tema futebol é recorrente, assim como possibilidades de polêmicas vãs.
Foi ou não foi falta, jogador tal fez um moicano e mais técnico perdeu o emprego.

Repetindo-se, o jornal noticiou mais uma violência.
Dessa vez foi contra uma estátua, a vítima não pôde reagir.

Agora, uma inédita nesta semana, um político desviou dinheiro da merenda.
Essa é de tirar o apetite, segue para o intervalo
e volta com mais um buraco na via que se abriu e não foi tampado.

Há o clássico lote baldio com um jogo de sofá e resto de construção.
Engraçado, limpa-se num dia, no outro já se sabe o que acontece.

Estou quase saciado e ainda me resta escolher entre a maçã e o refrigerante.

Entre um time ou outro, entre repudiar ou amar um político,
entre a indiferença ou o discurso pomposo apresentando soluções,
tanto para a via quanto para o lote.

Em uma hora de almoço, tantos dilemas.
E olha que hoje nem teve nenhuma discussão aqui no trabalho.
No dia em que há, ela se soma aos dilemas e toma a prioridade.

Acho que tudo isso pode até atrapalhar a digestão.

Escolho a maçã e um lugar para uma boa soneca.
Antes de voltar, escovo os dentes.
Se sobrar um tempinho, um pedacinho de livro para clarear a mente.

Amanhã parte da novela se repete,
com outras cores, outros atores, outros tons.

O fluir de um sussurro

*Estava a escutar
os sussurros ao longe
de um ensaio de orquestra,
e tudo fluía tão belo
que respirei:*

*Sentimentos que fluem,
a vida que flui,
a felicidade que é o próprio fluir da vida...*

*O verdadeiro amor desabrocha,
no incomensurável momento, sempre à mão;
se o amor se faz no agora,
ele transborda suavemente...*

*O Vento flui: brisa,
a Água flui: chuva,
o Sol flui: calor,
a Terra flui: fruto.*

*Todos se doam,
nada se retém,
e é assim que a Vida flui:*

*Sonora,
Inédita,
como uma bela canção...*

Entre frestas

*Flores pelas calçadas,
vejo várias, lindas,
em canteiros ornados,
mimadas com adubo,
regadas de zelo.*

*Mas o meu coração se ilumina
quando as vejo desabrochar
no improvável, na dureza
das frestas do concreto.*

*Sem nada a favor,
sem amanhã certo,
expressam com fervor
a sua natureza.*

*Beleza é o que vejo:
nas calçadas,
nos muros,
nas sarjetas.*

*Não se detêm,
nem se deixam levar
pelas condições
severas...*

*E duram o tempo
que lhes dão.
Pois às vezes são
levadas pelas mãos.*

*E vão parar nos cabelos
das meninas,*

*outras, na fogueira
junto às folhas,
e algumas vão morar
nos canteiros.*

Casa preenchida

*A pequena dormiu.
E eu, em vigília,
ansioso.*

*E ela, só coragem.
Me disse antes:
_ Estou confiante.
Você está
ao meu lado.*

*Eu, preocupado:
e se ela não
acordasse?*

*Fiquei
encolhido,
gelado.*

*Horas...
como o tempo
castiga.*

*Então,
seca
a notícia
chegou.*

*Eu era só
ouvidos,
quase os
tapei.*

A pequena

despertou.

Pensei:

a mim também.

É apego,

sim, sei que é.

Mas é indescritível

ter alguém,

ser tido por alguém.

Por mais que,

um dia,

o parto vá doer...

A sensação,

agora,

é de casa

preenchida.

MISSÃO BALÃO

*Dia qualquer
Sol da manhã,
banco de praça.*

*Duas araras
cruzavam o céu azul.
Acima, uma multidão
em cruzeiro, num avião.*

No chão, eu.

*Na praça, uma criança
segurava um balão,
brincando, sonhando
em ir além das nuvens.*

*"Ir à lua", dizia ela,
"para cumprir uma grande missão..."*

Perguntei: posso ir?

*Ela sorriu _
mas me disse: não.*

Sorri e insisti.

*Ela riu:
"Já tá lotado, tio.
Vai ter que ir de avião."*

*Agitou a propulsão _
e lá se foi,
para a missão balão...*

Nato

É tempo de recolhimento...

*O necessário: parar, silenciar,
Acalmar, respirar, olhar...*

Ler com alma, sentimento.

Ouvir, ajudar, cuidar...

*Atenção: não é se apegar.
Há de ter empatia.*

Amar, amar sem fantasia...

*E quando a Lira ressoar,
Há de se recordar com carinho
Do que lhe deixaram pelo caminho.*

Receber, meditar, aplicar...

Ação é orar em ato.

*Ser nato de coração,
Ser forte, ser grato.*

Em vias de braseiro

*O papel é magnético,
me atraí quase sempre,
como se fosse um impulso
que me leva a escrever.*

*Quando começo,
sinto que dou vida
a algo momentâneo,
como uma fumaça,*

*subindo e variando:
lago, cavalo, odalisca
como uma miragem
formada pelo calor.*

*Dançando
vai nascendo,
frágil, receptiva
no papel pardo.*

*E a linha vai ganhando traço,
arredia e indomável,
como a caneta que a cria.*

*O fim é incerto, mas sempre vem,
quando me questiono:
fui eu que escrevi?*

Aí paro, reflito.

*O destino, às vezes,
leva para a gaveta;
outras, para um envelope*

com um destinatário.

*E a maioria, pelo assombro,
vira cinzas e fumaça
no braseiro.*

FORTALEZA DA SAUDADE

*O dia nublado.
No celeiro azul,
várias nuvens modeladas
na imaginação.*

*Um leão cinza voava
ao lado do dragão albino,
rumo às cordilheiras laranja,
onde o sol amarelo ia cochilar.*

*O vento soprava
a cena narrada,
que, devagarinho,
ia se dissolvendo
em gotas
de saudade.*

*Saudades da barra da saia
que eu puxava enquanto apontava para o céu.
Saudades do banco de trás do carro,
em que minha testa se apoiava no vidro.*

*Aquele vidro era minha TV,
eu fazia meus próprios filmes,
onde, nas nuvens, havia uma fortaleza
que era a morada de Deus e seus serafins.*

*Bons momentos no quintal de terra batida,
deitado na tampa da cisterna na casa de vovó,
a galinha Filó como companhia, serena,
em contraste,
a canela era mordida com carinho
pelo sapeca Maradona, querendo brincar.*

É,
o céu nunca se repetiu para mim.

Agora, tudo isso
só existe na criança
que ainda caminha
olhando para cima.

Viva em mim,
em um lugarzinho
em que jamais
serei adulto.

Passados os anos,
tudo isso me encanta,
mesmo que a barra da saia eu não alcance mais,
que a Filó, o Maradona e o carro do papai
já tenham partido,
que a cisterna, já seca, tenha sido lacrada
e que o quintal agora abrigue kitnets.

O céu nunca se repetiu para mim.

Ah, essas lembranças de criança
só se vão quando eu partir,
para as nuvens quem sabe.

CA-RA-MI-NHO-LA

Caraminhola:

eita bichinho

ardiloso

se pousa na cabeça,

tira o sono.

Ontem, tranquilo

fui a um evento

e já fazia dias

sem nenhuma caraminhola

me perturbando

geralmente,

eu mesmo as crio.

No final do evento,

eu me sentia leve,

uma celebração simples,

mas vivificante.

Foi quando me veio uma pessoa

que, entre elogios

e puxões de orelha,

tentou despertar minha ambição.

Mostrou-me,

ao seu modo de ver o mundo,

o que valia a pena

e onde eu deveria

ou não

investir

o meu sagrado tempo.

Pois bem,
ao final da conversa,
ela me ofereceu
uma CARAMINHOLA
"tamanho família".

Essas que os outros nos dão,
como um Cavalo de Troia,
são as piores.

As minhas
eu mato até com meus defeitos,
agora essas...

essas,
nem sendo um semideus
consigo me desvencilhar fácil.

Desde então, foram-se
as minhas noites de sono
e o meu apetite nem vou comentar...

Não é
uma bela de uma tragédia?

Tudo por conta dessa bendita
CA-RA-MI-NHO-LA

se a vejo de novo
faço meia-volta.

O LEÃO e o cardápio

sentei-me
na tela uma missão
prestar contas
ao soberano **Leão**

me distraio com as pontas
em vez dos números
versos

o rugido me alerta
volte
para sua obrigação

disperso

abro
tabelas
extratos
comprovantes

doravante
já me perdi
rimas
estrofes
títulos

ele me espreita
na surdina

que tolíce
prestar conta
de uma ninharia

*vou voltar à empreita
já dá pra sentir
a sua malha fina e fria*

*é assim que ele caça
de noite ou de dia
nunca lhe falta apetite*

*e para me devorar
no cardápio
suas receitas preferidas*

*o aperitivo:
Cadastro/**P**essoa/**F**ísica*

*o principal:
pessoa selada no xadrez*

*a sobremesa:
lascas de penhora*

*e cá estou a versar
sobre essa minha demora
e olha que não é brincadeira
se eu não me entregar
ele me **devora***

SETH e o Fogo da Calcinação

*Passos curtos,
passos tortos,
somos lentos,*

desatentos.

*Seth se lança feroz,
nos impõe tropeços,
fardos, altos preços.*

*No deserto
da tormenta,
nos fragmenta.*

*Seth, o algoz,
lança-nos ao Nilo,
sem alento.*

*Sob areia escaldante,
deixa algo importante,
não faz caso.*

*Acende uma fogueira
e, a passos firmes,
vai embora.*

*Não demora:
algo vibra -
veja.*

*Uma alma
adormecida
lateja,*

*de repente, desperta
e vai ao grande rio
peregrinar.*

*Em noite fria,
buscou luz,
calor.*

*Se conduz ao fogo
e ali foi repousar,
em teu seio
se ofertar.*

*Logo,
arde,
calcina,*

*enfim,
esfria.*

*Porém, o seu fim
não seria
sua sina.*

*De teu próprio pó,
fecunda-se,
manifesta-se
e ganha autonomia.*

*Seth vê tudo
e, sorrindo,
diz: bela alquimia.*

Os passantes e o vagante

*Andar sem destino, apenas instinto
catando sombras e latas;
colhendo sentidos, todos, até o da fome
ouvindo os murmúrios dos passantes.*

*O banco de concreto, frio ou quente,
abriga o corpo, sem preferências;
a fadiga faz dos braços travesseiro.*

*Ser camuflado, quase sempre,
paisagem que, quando se revela,
vai da náusea à piedade:
um espelho empoeirado.*

*O vagante, como se proclama,
diz ter fugido do cálculo,
de qualquer engenharia.*

*O sorriso vem fácil
sem qualquer embriaguez.
Lúcido de sua condição,
diz não haver culpados.*

*De mãos anônimas recebe
e agradece o pão, a sopa;
a fome se vai em silêncio.*

*Segue sem mal algum,
em suas vestes não tem bolsos;
apenas um pequeno bilhete no boné,
de saudade e incompreensão...*

Pés encardidos

*Nos primeiros passos,
os pezinhos encardidos,
os joelhos machucados,
a busca do equilíbrio.*

*Mamãe e papai estavam
quase sempre a aparar,
mas cair é inevitável.*

*Papai dizia: "Não olhe,
senão ele vai chorar."*

*Mamãe, incansável,
dava um abraço.*

*Um pulo depois,
e não tinha mais tanto consolo,
e a roda girou mais rápido.*

*Antes facultativos,
agora os obrigatórios
calçados ditam o ritmo.*

*Passos entre
casa, praça, escola,
ginásio, piscina, psicóloga,
a agenda com meus horários.*

*Os primeiros testes,
tudo era prova para se passar,
mas os tênis eram mais largos
e o relógio estava em outro braço.*

*E tudo prossegue
com bolo e vela.
Faz-se 18 e ganha:
cinto, relógio e sapato.*

*Um incentivo, claro, para:
o emprego a procurar,
os bens a acumular,
a companhia a encontrar,
os filhos para criar.*

*Tudo que se calça
fica mais justo, apertado.*

*Os ponteiros se aceleram,
as urgências - erroneamente -
no plural.*

*E logo chegamos
ao limite do corpo,
do calendário.
A alma pede sandálias.*

*No poente dos nossos dias,
as vésperas assustam,
contudo elas sempre
foram cadarços,
laços feitos
para serem desfeitos.*

*Não adianta se agitar,
sabemos que, em seguida,
estaremos descalços,
desta vida ligeira.*

E os pés, tão logo,

*estarão prontos,
mais uma vez,
para serem
encardidos...*

Selene

*lua cheia
lua branca
reluzente*

*desperta
da clausura
noite escura*

*cada face
traz consigo
um convite*

*tua aura
gravitante*

*revela
tempera
desnorteia*

*marés
cabelos
desejos*

*fúria
calma*

*almas
apelos
festejos*

*Selene
lua
nua*

Quem você pensa que é?

*Nada talvez, eu só brinco de poeta,
na verdade eu sou qualquer coisa,
mas, nem isso nem aquilo,
nada dura muito,
apenas por aí,
chutando latas,
falando mentiras,
catando mangas,
contrariando colegas,
vendedor de sorte no azar,
sendo esotérico no concreto
e cético com milagres.
Eu sou qualquer coisa,
de vez em quando, poeta,
sem ser letrado, importante;
escrevo sem cadeira numerada.
Rabiscos saem do tédio das filas,
no ócio em banco de praças,
na cama insone, acordado por números...*

*E penso ser menino travesso,
daqueles que ainda
brincam descalços na rua,
mesmo que a mãe logo
ponha para dentro
para fazer as tarefas.*

Amor silencioso

*O Amor é verbo sem som
Ação silenciosa, um dom
Não queima pela ira ou dor
Amor é aconchego, calor*

*Com Amor ajudar é servir
Sem nunca esperar o porvir
O orgulho ambicioso, vaidoso
Não existe no coração bondoso*

*O Amor por vezes é percebido
Quase nunca entendido
Contudo, é sempre sentido*

*Amor de muitas formas
Decora as Almas que toca
Qual o tempo para amar?*

É sempre o Agora!

Se faça eterno

*Estava a caminhar em seu sorriso.
Era um sonho lindo, só nosso.
De repente, caí no sonho e me assustei.
Acordei de pulo em nossa cama.*

*Você não estava lá,
e as lágrimas correram.
Por um instante, achei que
tinha te perdido para sempre.*

*O alívio veio em passos leves,
você entrou no quarto,
me pedindo para fazer o café.
Foi como se o sol raiasse...*

*Em seguida,
minha mente apagou o sol
ao me lembrar de que
todo mundo um dia se vai.*

*Contudo, o sol se acendeu mais forte,
porque meu coração me disse bem baixinho:
"É verdade, mas se faça eterno em cada momento..."*

se faça eterno em cada momento..."

ENTOA

*Ressoa, entoa a canção,
há ritmo dentro de ti.
Tua alma abriga a melodia,
em sintonia com o adágio das estrelas.*

*O som nos entusiasma, anima.
No ritmo do allegro, em companhia,
reverbera a singela cantiga.*

*Do monte de si,
em silêncio, altíssima
que tudo ouve.*

*O maestro se camufla,
Dita o prelúdio,
o andante, o dedilhado...*

E o respirar insufla o interlúdio.

*Assim, os grandes de espírito
sonatam o universo sem presto,
expressam o uno em verso...*

Arpejos de partilha.

Em transe

A chuva cai depressa

Na sarjeta escorre lenta

A mente se espaça

Vai longe desatenta

Identidade sem nome

*A chuva me lavou,
O vento me afagou,
E o Sol sorriu!*

*O magnífico Universo
Tem a mim fino trato,
Dele nunca me aparto,
Sou Dele o tato...*

*Liberdade!
Ó Vida sentida,
Liberdade!
Sempre Serena,
Sempre Mística!*

*Presente!
Ó Vida percebida,
Se do agora és,
És o Presente!*

*Mas me diga, quem está presente?
Quem atende o Chamado?
Quem do Amor está ciente?*

*Quando da carne me soltar,
Uma centelha de luz vou me tornar,
Então, de outras formas a vida vou tocar,
Até que um dia a carne não precise Retornar...*

*O nome será outro e de novo é novo,
Mas, não é pelo nome que somos amados!
E sim pelo que é, sutil e universal.
O verdadeiro Ser, que aos poucos é revelado,*

É Ele quem atende o Chamado

***Enfim, És a Liberdade de não ter idade,
A caminhada e o caminho para a Unidade,
A Alma, a sua única e verdadeira Identidade...***

Tracejar

*O ouvido recebe
a prece dos pássaros.*

*Os olhos ardem,
tentando capturar
a forma do sol.*

*Os cabelos, presos às raízes,
querem fugir com o vento.*

*Instantes fugazes, singelos,
são o que me compõem.
A ternura que acolhe,
o semear que tende ao eterno.*

*Serei sempre grato
por ter sentido:
o toque, o gosto,
o cheiro, o som,
a luz.*

*Tudo assim mesmo,
no singular,
no singelo,
no fugaz.*

*Onde o sagrado
se disfarça de efêmero,
o mistério se deixa,
me deixa tracejar.*

Doce Domingo

*O domingo é um suspiro,
que de tão gostoso
acaba numa bocada só.*